

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

Vitorino Simões Lopes Sampaio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Cartas aos republicanos Guimarãesenses

## Govêrno do Povo pelo Povo

XI

Há dias, conversando com o meu amigo, talentoso jornalista e consciencioso crítico d'arte, Joaquim Novais Teixeira, que de Madrid informa os jornais e magazines portugueses sobre a evolução política e espiritual da nação vizinha, quiz saber e ouvir de viva voz a sua opinião acerca da evolução política de Espanha, que, no meu especial modo de ver, se me apresentava confusa e deformada pelas reduzidas informações que podia beber através do telegrafo.

Nada me satisfazia trazer a consciencia em desvario ou a ilusão no espirito.

Embora tivesse renegado a ideia de que a Espanha continuaria a desenvolver o progresso pelo retrocesso, como diria o formidável Herculano, ainda assim sentia-me timorato para fazer determinadas afirmações—não me alcunhassem de traiçoeiro na minha maneira de treslêr os telegramas vindos a lume.

E porque me ligava uma amizade a Novais Teixeira— a amizade da escola que por nada nos afasta do convívio, apesar de haver muitas vezes discordancia de ideais políticos—, interroguei-o, ao amigo, sobre o que pensava da política hespanhola, das disposições daquele povo que, em todas as emergencias da sua vida, tem comprovado um enorme anseio de liberdade.

Ouviu-o—e grande alegria me invadiu a alma.

Novais Teixeira atingiu a sua maioridade de pensamento, riu-se do passado para pensar a sério no dia de amanhã.

A sua convivencia com as primeiras figuras das letras hespanholas, como Unamuno, Valle-Inclan, Lerroux, Marcello Domingos e outros, renovou-lhe e refrescou-lhe o pensamento, em muito contribuindo para o tornar um acérrimo defensor das liberdades publicas, um consciencioso e um cidadão exemplarissimo.

Rejubilei, e ouvi-o.  
Disse-me então:

—Não calculas? Em Espanha a evolução política é lenciosamente republicana.

O povo hespanhol, por

*natureza e temperamento, é molanqueiro. Mas, no dia em que se resolve a dar qualquer passo, verá: será impellido para a República.*

*Ali, as massas populares preparam a sua ordem. E' formidável o saber-se que, apesar de divididas, todas, quaisquer que sejam as classes a que pertençam, trabalham para a reivindicação das suas grandes e nobilissimas aspirações.*

*Lá, como succede aqui, não se ouvem os nomes de chefes. Estão completamente confundidos, baralhados com a população.*

*Um só principio os norteia: viver em democracia.*

\*\*\*

Impressiona toda a gente, como usança, saber que em Portugal a democracia não tem atingido a sua expressão máxima pela simples razão de se conduzir individualmente.

Esta é a verdade palpável, o furo abaixo da escala social.

A democracia que deve significar «libertação de espirito humano», que deve ser uma verdade evolutiva, infelizmente, entre nós, tem sido um manejo dum meia dúzia de homens.

Admiro o homem como o fiel das ideias, o propulsor das aspirações da «massa»!

Admiro-o, quando sabe submeter-se e respeitar as doutrinas e os desejos do povo, sem reacção ou despotismo.

Porém, daí a suportar o peso do seu individualismo, inteligentemente repugna-me e revolta-me.

\*\*\*

A vontade do Povo Português o afirmou.

Desembaraçou-se da intollerancia e da superpartição, modificando a sua vontade, e, escoihendo o regimen republicano para o governar, deu combaté ao erro e castigo à mentira.

Fez a República, como quem diz: tornou-se soberano

Ora, República é o govêrno do Povo pelo Povo.

E porque assim é, e porque a «massa», o Povo, deseja

governar-se por suas próprias mãos, os seus representantes, os seus regitimos mandatários, tem de respeitar-lhe e acatar-lhe a sua vontade.

Ele, que os elegeu, foi para serem intérpretes das suas aspirações.

A' semelhança de como acciona o povo hespanhol, temos de desprezar, pôr á margem e até repudiar os individualismos.

A República—todos o sabem—é o govêrno do Povo pelo Povo.

Para que a obra seja perfeita, redentora, sem erros, há que executar rigorosamente as imposições populares, o esforço civilizador e progressivo que nos levará á conquista da perfeita emancipação da intelligencia e á perfeita vida que se deseja como prémio.

¿Para as conseguir, que fazer?

**Unirmo-nos todos, e chegar á conclusão irrefutável de que o govêrno é de todos nós, é da Nação inteira!**

1930.

L. COELHO

H. Olívia Elvira Leão da Cruz Almeida

Faleceu no dia 29 do mez passado a Sr.ª D. Olívia Elvira Leão da Cruz Almeida, mãe dos nossos amigos Dr. João de Almeida, Fernando Almeida e sogra do nosso correligionário Porfírio Mendes Ribeiro.

A toda a familia apresentamos os nossos sentidos pésames.

Alvaro da Silva Penafort

Encontra-se de luto pelo falecimento de uma sua tia o Sr. Alvaro da Silva Penafort, escrivão de direito em Celorico de Basto, a quem apresentamos os nossos sentidos pésames.

Block-Notes

### PARTIDAS

Partiu para a Povoia do Varzim com Sua Ex.<sup>ma</sup> familia o nosso amigo e correligionário Sr. Dr. Filmito Elísio Vieira da Costa.

—Para a mesma praia seguiram os nossos amigos com as Suas Ex.<sup>mas</sup> familias Srs. Agostinho de Oliveira Bastos e Manuel Cajtano Martins.

—Para Melgaço seguiu a esposa do amigo Sr. Francisco Teixeira Mendes.

Este número foi visado pela Commissão de Censura

## VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

V

(Continuação do n.º 281)

Estou pondo a tratos, nesta minha bonachona lenticidão de fadiga preguiçenta, a descurosa amabilidade do atarefado leitor... Mas o caso futil, de nonada, tem um sublinho de apimentado quadro de revista dos homens, dos tempos e dos costumes. Depois daquela tam fraldiquenta escandaloseira de barulhice, á-conta de um rapaz que, dentro da casa familiar, mais alto discute, ou perlenga com a irmã e a tia, vendo-a logo súpeto invadida por quanto mau visinho, amigo dos diabos, e reles aldrabeira da vizinhança lhe apeteceu armar uma patranhasita, no próprio dia da *Festa do Pelote*. véspera de Santa Maria da Oliveira, ao tocar o alegre e solenissimo sino do relógio, com Policia e Soldados, e o Administrador, que levam o moço, dali, preso, e feitas as perguntas, e entregue a parte em Juizo, por sinal cosida e lacrada, o Delegado do Procurador Régio na comarca, escreve assim textual: «Como o presente Auto está uma miscellanea, cheio de contradicções, e athém.<sup>as</sup> sem os requisitos legais, como, entre outros, a declaração ás queixosas, exames por peritos nas armas, etc., etc., etc. Req.<sup>to</sup> que por este Juizo se proceda a novo Auto de exame e corpo de del.<sup>o</sup>, a que serei presente, praticando-se ás indicadas diligencias, e inquirindo-se alem das test.<sup>as</sup>, que já deposeram, o Rev.<sup>o</sup> Conego Domingos da Conceição Carvalho e Silva, o Boticario Raimundo Alvares Torres, e o Cabo de Policia, que deo a participação ao Administrador do Concelho, Bento Pena; pois que só assim se poderá bem averiguar a verdade, do que se tracta-g.<sup>as</sup> era ut supra (17-Agosto-1855) Soares». A esta diligencia se procedeu a 22, estando o Juiz de Direito Francisco Rodrigues Ferreira Casado, o Delegado interino Bachelar Candido Lopes de Macedo Vieira de Castro e, como escrivão, João de Freitas Costa Brandão Saraiva. Voltaram a ser inquiridas ás respeitaveis testemunhas—sáfa!—que haviam deposto no auto-miscellanea consinhado na Administração. O Carvalho carpinteiro (reproduzo para confronto... —Passe a ingenuidade!) disse: que fora chamado por José, irmão do arguido Francisco, seu visinho, e por uma mulher de nome Benta, que ele (Francisco) estava fazendo grande desordem em casa, e que matava sua tia e irmã, e ouvindo bradar á voz d'El-Rei em casa, acudiu, subindo pela escada acima (vá apreciando, de vagarinho) e viu o Francisco com uma arma na mão —«que reconheceu ser a presente com a diferença de ter então pederneira e agora não a ter» (simplesmente adorável, porque a arma, logo apreendida, foi entregue a um depositário), a qual lhe tirou dizendo que se acomodasse, «e logo viu que o Policia que tinha chegado tambem á casa descia pelas escadas a baixo (faça favor de apreciar este bocadinho de juramento testemunhal... vulgar, a qualquer hora, ainda hoje) dizendo

que o denunciado puxava para ella com duas pistollas huma em cada mão, e que as havia de passar a ballas». Chegou, então o Administrador do Concelho com dois soldados, subiu pelas escadas acima, e ouviu dizer (e são estes malandões que, tantas vezes, fazem fé em Juizo...) que o Francisco tratara mal o Administrador, «observando elle testemunha que elle passeava com mau modo na presença do mesmo Administrador». Acrescenta que as pistolas erão de fósforo (o homem não viu puxar por elas, ouviu dizer...), ignorando se estavam carregadas, aperradas ou em descanso, que a espada de cavalaria estava sobre uma cama «e que as vozes d'El-Rei (ignorando) erão dentro ou fora de casa do denunciado! Fantástico? Inacreditável? Benza-o Deus, leitor: é assim mesmo, isto é sempre assim — com as muito honradas excepções do estilo—. E quer ver como não há uma palavra só que se agente? Vem o Antonio. Estava na Rua Nova com um irmão. Passou gente a correr para o Ourado do Forno. Entrou na casa do barulho. E viu — o Francisco com duas pistolas, uma em cada mão, o Carvalho com uma arma reunta na mão — ouvindo ali dizer que a tinha já tirado ao arguido «que ella era a que se acha presente, mas tinha então pederneira, e a qual a tirou, a dita testemunha, (o mesmissimo Bento) para tras d'huma porta! O Manuel padeiro foi tambem chamado a acudir pela dulcissima e prestantissima Benta (que infinita geração de Bentas ella não deixou!), subindo pelas escadas acima com um roldão de gente. Lá estava o Francisco, e o Carvalho com a espingarda na mão, chegou a policia e o administrador—mas, durante esse tempo, o «suspeitoso» estava em mangas de camisu e não viu que ele tivesse na mão pistolas «e só viu que pegara da espingarda (tirando-a, portanto, ao Carvalho, não é assim?) e a pusera atrás da porta da casa, na sala. Vai depôr uma nova testemunha, já alumada no auto da administração, e citado pela promoção do Delegado, o Conego da Colegiada Reverendo Domingos da Conceição Carvalho e Silva. Eram três horas da tarde. Acabara de jantar. Ouviu falar na familia do Sousa. Inulgando que era fôgo, e como eu porque era amigo e visinho, dirigiu-se, mesmo em trajes menores, a casa daquela familia. (O quê? Não, eu não disse nada. Era em Agosto. O Conego jantava assim, á-vontade. E, em caso de apêrto, saía tal-qual, com os seus 47 anos muito frescalhões. Hoje a moda é pior...). Entrou — e presenciou tudo em perfeito socêgo. Estava o Raimundo, Boticario, de conversa. Que tinha havido? Simples quezílias de familia. O povo é que fizera o alarme. Ainda assim, claro, tratou de dar bons conselhos ao rapaz — e evitasse desgostos ao Pae, que estava ausente. Entretanto chegaram dois cabos de po-

**NOTÍCIAS ESCOLARES**

Pela Imprensa

Recebemos, na qualidade de redactor desta secção, a seguinte peça literária:

... Snr. Director de «A Velha Guarda»

O Jornal que V. Ex.<sup>a</sup> dirige, tanto pelos seus processos de combate, como pelas suas proporções gráficas e grande expansão destaca-se indubitavelmente entre a Imprensa do país. No entanto, isso não lhe dá, a meu ver, direito de albergar na sua reportagem sensacional informações de corajosos anónimos que evidenciam uma repugnância instintiva pela verdade e nenhum escrúpulo em abocanhar a consideração alheia. Assim é que no n.º 282 de «A Velha Guarda» de 21 de Julho findo, que por azar só agora me veio parar às mãos, leio certas referências à minha modesta pessoa que — palavra de honra! — não merecia a distinção de ser tratada de forma tão implacável.

Insinua-se aí, na succulenta secção *Notícias Escolares*, que o professor Soares de Moreira de Cónegos (este seu criado) não tem autoridade para insultar quem quer que seja. Claro está que tal atestado de incapacidade moral é passado por criatura que, por motivos que ela lá sabe, encontra vantajoso não dizer quem é... Adiante.

Mais se afirma que o mesmo professor Soares declarou ao pai dum aluno que frequentou a 4.ª classe da sua escola que não propunha o menino para exame, porque, se fosse examinado pelo professor Botelho, de Guimarães, ficaria reprovado.

Embora o facto conviesse aos louváveis propósitos de «A Velha Guarda» de morigerar a sociedade limpando-a de elementos malsãos e profligando tais deslealdades, o sinatário é forçado a dizer que se trata dum patranha sem pés nem cabeça. E deste modo desde já desafia o informador a abandonar o geito cómodo e pouco atrevido (mais propriamente-cobarde) de não apontar nomes.

De resto, snr. Director, ao passo que se pretende sem procuração bastante, meter à bulha o senhor professor Botelho apresentando-o como vítima imbecile duma perfídia, o sagaz colaborador julga um «jovem-professor-examinador», cujo nome também reserva para si, capaz de ferro e tirânico violentar a consciência de julgador e de postergar a justiça (lindas frases, caráspita!)

E vai mais longe: julga também outro vogal do juri (ingénuo e loiro?) em condições de se deixar suggestionar para a aprovação dos alunos do snr. Soares!

E «A Velha Guarda» cujo editor é marido duma professora, aceita como bons tais aleives desprestigiosos para a classe do professorado.

No tocante aos méritos profissionais do sinatário, à sua competência, à maneira como habilita os seus alunos e os apresenta a exame, pena é que só os seus superiores hierárquicos tenham atribuições para se pronunciar. Ora o professor Soares—que, diga-se de passagem, não é vaidoso—com a devida vénia observa que a classificação dada ao seu serviço muito o desvanece e o coloca em circunstâncias de sem medo, pedir meças ao colaborador de «A Velha Guarda» ao seu editor ou à sua gente...

Acaba o informador das *Noti-*

cias *Escolares* por ameaçar tenebrosamente que às suas informações dará o destino que muito bem entender. Outro tanto faríamos nós, se o número que nos chegou às mãos não viesse com a impressão muito surrada e, por isso, pouco convidativa...

E adeus, que faz um calor de mil demónios e estas coisas sempre mexem com os nervos. Temos mais em que pensar; e já lá dizia certo homem de letras que se fossemos a atirar pedras a todos os podengos que nos saem ao caminho, nunca mais chegaríamos ao fim da viagem.

Em paz e ás moscas, pois!

Moreira de Cónegos, 12 de Agosto de 1930.

Antonio Ferreira Alves Soares

P. S.

Para que o colaborador das *Notícias Escolares* se entretenha, à hora da sesta, a meditar sobre a vacuidade das coisas terrenas, oferecemos-lhe essa declaração que vai junta, assinada pelos pais dos alunos de 4.ª classe.

Antonio Ferreira Alves Soares

\* \*

Os abaixo assinados, pais dos alunos que frequentaram a 4.ª classe da escola de Moreira de Cónegos, regida pelo senhor professor António Ferreira Alves Soares, no findo ano escolar de 1929 a 1930, declaram que nunca tiveram qualquer conversa com aquele senhor, sobre a admissão de seus filhos ao respectivo exame.

Mais declaram que foram informados por seus filhos que não eram propostos a exame, porque o senhor professor lhes dissera que os não achava suficientemente habilitados.

Por ser esta a expressão da verdade, assinam esta declaração.

Moreira de Cónegos, 12 de Agosto de 1930.

José Ferreira de Miranda, José da Silva, António Lopes, Basílio d'Oliveira Faria e Domingos Ferreira d'Oliveira Guimarães.

\* \*

Pasma-se de tanta inconsciência!

Custa a conceber-se para quem julga que escreve o snr. Soares! Não saberá ainda que quem mal fala sua bôca suja?

(Continúa)

**Aos nossos assinantes**

Vamos proceder á cobrança da assinatura semestral da «Velha Guarda». De todos os republicanos esperamos o seu pagamento, quando os cobradores lhe apresentem o respectivo recibo. O contrário crear-nos-ia novas despesas, sobre diminuir receitas com as quais contamos para a sustentação do jornal—que não vive, insistimos neste ponto, senão dos recursos, claros e honrados, que lhe proveem das assinaturas.

«A Velha Guarda» é um jornal republicano e que vive do auxílio dos republicanos e que dentro da forma do possível, tem prestado os seus serviços á República.

Lêr durante um semestre o nosso jornal, nunca o ter devolvido, nem se ter recusado a receber, recusando-se sómente a pagar o recibo quando lhe fór apresentado, é contribuir para a extinção deste pequeno e único baluarte da República existente em Guimarães.

**«Reporter X»**

Saiu no dia 30 de Agosto p. p. o número 4 do «Reporter X» cujo sumário é o seguinte:

1.º—«Quem vendeu Mata-Hari à França»—Reportagem sobre este drama revivido agora na imprensa estrangeira e em que se faz accusação a Raquel Meller, a Gomes Carrilo e a um português.

2.º—«Reporter X» entrevista em Berlim, pelo seu colaborador Homero de Carvalho, o Dr. Eckner sobre Gago Coutinho.

3.º—«A Rainha Mendiga»—A vida trágica da Rainha Natália, da Servia, que a policia descobriu a pedir esmola.

4.º—«Reportagem ás Avenidas»—O drama das cartas amarelas, cujos heróis são nossos conhecidos.

5.º—«O que dizem os pés?»—Um inquerito aos engraxadores.

6.º—«O que dizem as mãos?»—Um inquerito ás «Manucures».

7.º—«Pita Soares e o caso Do «Deseado»—Mais informações sobre o português condenado à morte na América; uma entrevista com o popular Alexandre, o humilde salvador de Coelho, que, em 1912, por ter morto a esposa adúltera a bordo do «Deseado», foi condenado à morte pela justiça inglesa.—Coincidiências entre este drama e o de Augusto Gomes.—Coelho morreu há dois meses, ou seja quando Pita Soares matou a noiva indigna.

8.º—«T. S. F... X»—A secção dos «potins» e dos escandalos, que tanto interesse desperta no público.

9.º—«Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?»—Resposta do Dr. Ramada Curto, Dr. Campos Monteiro e do cavaleiro José Casimiro.

10.º—«A cadeira maldita»—Memórias do homem que lidou com 200 condenados à morte na América.

O pequeno mártir—O caso do patrão que deitava fogo ao pequeno empregado, porque ele não cortava o cabelo—O mistério da Rua Monzinho da Silveira—Numerosas fotografias—Uma capa interessantíssima de Cruz Caldas, etc., etc.

**Rua de D. João I**

E' uma vergonha o estado da rua de D. João I.

A calcetaria, de arestas vivas, de pior piso se tornou com o trânsito d'alguns meses.

Está cheia de covas, que se encham de água quando chove e que nos borrifam todos quando acontece passar por ali algum carro ou automóvel.

Além disso, o abaulado que lhe fizeram torna-se perigoso para quem caminha ao longo dos passeios, pois basta um pouco de humidade para proporcionar qualquer *derrapagem* e acontecer o que já aconteceu com o Silva, filho.

A meio da rua, umas pedras que, pelo tempo, até parece já terem criado raízes, também dificultam muito o trânsito e podem dar origem a desastres fatais, tal o embaraço que criam o movimento.

Agora, que o tempo afinou, urge remediar o mal, não só salvaguardando a vida do transeunte mas também a indumentária que custa dinheiro.

Pedem-se providencias!

**Tenente Albano Cruz**

Teve a sua *délivrance* a Ex.<sup>ma</sup> Esposa do nosso devotado correligionário e amigo Tenente Albano José da Cruz, dando à luz uma criança do sexo masculino.

Mãe e filho encontram-se bem. Ao snr. Tenente Albano Cruz os nossos cumprimentos.

**Magistrados**

Há uma classe que, por virtude da nobilíssima função que lhe cabe desempenhar, deve, mais ainda do que qualquer outra, ser servida por funcionários de exemplaríssimo porte, nunca por indivíduos moralmente desqualificados sem pondunor e sem vergonha, que se agüentem à sombra de grandes e misteriosas protecções, prevalecendo-se da cobardia do meio ambiente, vegetando nos lodaçais imundos das calúnias e injúrias tórpes. Essa classe é a Magistratura, e a magistratura portuguesa, salvo raras excepções, tem sabido manter bem alto o seu glorioso nome.

O Dr. Eduardo Coelho Martins de Almeida, que há dias deixou de exercer o cargo de Delegado do Ministério Público nesta comarca, por ter sido promovido, após brilhante concurso, ao de juiz, foi um magistrado digno do seu lugar, um magistrado que sempre soube, em tôdas as emergências, desempenhar o seu cargo com superior dignidade e com absoluta independência, dando, em todos os actos que praticou, as mais eloquentes e dignificativas provas de um carácter íntegro e de uma inconcussa honestidade.

Vimo-lo partir com saudade. Mas, como é bem possível, talvez um dia tenhamos o prazer de o tornar a ver regressar para, com saber e prudência, administrar nesta comarca Justiça.

\* \*

Para substituir o Dr. Martins de Almeida, foi nomeado o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Herculano da Rocha Gomes, que tomou posse no dia 25. Ao novo magistrado, de cujas qualidades temos ouvido fazer as melhores referências, apresentamos os nossos affectuosos cumprimentos de boas-vindas.

Do «Pro-Vimarane».

**Edmundo HERNES RIBEIRO**

Este nosso querido amigo e correligionário consorciou-se com uma prendada senhora da cidade de Braga, pelo que fazemos ardentes votos pela sua felicidade. A noiva, que nos dizem ter um coração bondoso, em muito contribuirá para a ventura do novo lar conjugal.

Propagai «A Velha Guarda»

**Oscar Amadeu Moutinho**

De regresso de viagem, já se encontra entre nós, o querido correligionário e amigo, snr. Oscar Amadeu Moutinho, da firma Jordão & Castro, Lima.  
Os nossos cumprimentos.

**Abel Cardoso**

Com pouca demora, esteve entre nós o nosso correligionário e amigo Snr. Abel Cardoso, que se encontra em gozo de férias, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> família, na linda cidade de Viana do Castelo.

**Heitor da Silva Campos**

De licença, e acompanhado de S. Ex.<sup>ma</sup> Esposa e interessantes filhinhos, partiu para Famalicão o digno Agente do Banco de Portugal, nesta cidade, snr. Heitor da Silva Campos.

**Tenente Simões Dias**

Vítima duma pertinaz e grave enfermidade, em Famalicão faleceu o saudoso amigo e devotado republicano, Tenente Simões Dias, muito conhecido e estimado no nosso meio.

A' família enlutada, os nossos sentidos pésames.

**O suor dos pés**

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 applicações de «TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12\$00 em todas as farmácias DE PÓSITOS:

Lisboa—Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39-1.  
Porto—Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.  
Coimbra—Centro Commercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.  
Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;  
CORREIA DE MELO  
Praça Municipal, 11—Braga

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

**«A PREVIDENTE»**

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—Dr. José Figueira d'Andrade, advogado  
Cons. Fiscal—Dr. Guilherme Machado Braga, médico  
Direcção—José Pinheiro, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobrevivência aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o socio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil sociós existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivência

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidas na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO

TELEPHONE 4-750

Acettam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente—Alberto Gomes Alves  
Rua da República, n.º 85.

licia. «Ora, para quê? Vão-se embora, hominhos. Aqui está tudo quieto. E não se entra assim por uma casa de família». E assim fizeram. Ainda ofereceu a sua casa ao rapaz. Mas êle não quiz, sereno e calmo. Aqui tem os senhores um homem em cuecas a falar direito.